

RESENHA

[SOUSA, Mauro Araujo de. *Religião em Nietzsche: “Eu acreditaria somente num Deus que soubesse dançar”*. São Paulo: Paulus, 2015]

Jerry Adriano Villanova Chacon¹

Religião em Nietzsche é um tema polêmico, assim fazendo eco às características do filósofo. Esse foi o desafio assumido pelo professor Mauro Araújo de Souza, pós-doutor em Filosofia pela UFSCar/SP, doutor em filosofia pela PUC-SP, sendo estudioso e autor de várias publicações sobre o pensador. O livro *Religião em Nietzsche: “Eu acreditaria somente num Deus que soubesse dançar”*, texto retrabalhado e ampliado a partir do quarto capítulo da dissertação de mestrado em Ciência da Religião – PUC–SP do prof. Mauro, visa tratar a religião em Nietzsche de uma maneira abrangente fugindo do recorte recorrente de ver Nietzsche no prisma cristão na tentativa de convertê-lo. Nesse sentido, o livro apresenta conceitos fundamentais para a construção da compreensão da religião em Nietzsche.

O livro contém os seguintes tópicos de estruturação: esclarecimentos; abreviaturas das obras de Nietzsche; apresentação do autor; prefácio; introdução; o capítulo central *Eu acreditaria somente num deus que soubesse dançar*; antes das considerações finais e considerações finais. Segue agora os apontamentos de cada parte. A organização do índice traz um dinamismo próprio e atrelado, de certa, forma, as provocações nietzschianas.

Nos esclarecimentos evidencia-se a necessidade de uma definição maior de religião – como “sacralidade natural da vida e do movimento enquanto devir que reina no mundo: mudança constante” (SOUSA, 2015, p. 10). Mauro faz uso de obras das várias fases de Nietzsche² como, por exemplo, o *Nascimento da Tragédia* parte do primeiro período de produção de Nietzsche,

¹ Mestrando em Educação pela PUC-SP. jerryadrianochacon@gmail.com

² Primeiro período: 1870-1876. Segundo período: 1876-1882. Terceiro período: 1882-1888. Para alguns o terceiro período é o que traz a propriamente a filosofia de Nietzsche.

pois o objetivo do autor é “trabalhar, justamente o fio condutor sempre presente em Nietzsche” (SOUSA, 2015, p. 11). Além disso, o trabalho com os três períodos servem a propósito de pontuar como as críticas à “cultura ocidental cristã” se fazem presentes desde o início das obras de Nietzsche.

As obras utilizadas são indicadas pelas siglas segundo convenção proposta por Colli/Montinari usadas nos Cadernos Nietzsche – USP.

Segue-se a apresentação do autor, feita pelo Prof. Dr. José J. Queiroz (titular da PUC-SP, docente do Dep. do programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da PUC-SP). Destaca-se nessa apresentação o caminho percorrido por Mauro, assim como um garimpeiro, a descobrir e se descobrir em Nietzsche, sendo “um sinalizador de novos rumos para quem se interessa pela filosofia, assim como para os estudiosos de filosofia da religião e das Ciências da Religião” (SOUSA, 2015, p. 21), afirma Queiroz.

“Quem matou Deus decretou o fim da religião?” (SOUSA, 2015, p.23). Com essa pergunta inicia-se o prefácio da obra feita por Frederico Pieper, professor Doutor do Departamento de Ciências da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora. Pieper evidencia que o livro foge de uma leitura precipitada de Nietzsche que é batizá-lo ou coloca-lo no rol do ateísmo. Nietzsche é responsável por contribuir para a ampliação da noção de religião, tendo em vista que as Ciências das Religiões vêm ganhando cada vez mais espaço no Brasil e a ampliação do conceito é uma demanda que a obra de Mauro ajuda ampliar. A religião é vista como doadora de sentido e como meio de atribuição de significado, em Nietzsche isso se dá além dos dualismos.

A introdução da obra enfatiza ser espinhoso tratar o tema da religião em Nietzsche. O autor então antes de adentrar a religião em Nietzsche apresenta o conceito com base na origem latina do termo *religare*, ou seja, “reatar do que se desatou”, sendo o espaço de reencontro do homem com as “suas origens naturais cósmicas” (SOUSA, 2015, p.29). Daí a ideia de religião como busca de sentido para a existência e o ser religioso. “(...) um sentido que não precisa de sentido nenhum para que a própria vida tenha que ser valorizada” (SOUSA, 2015, p.30). Sendo a religiosidade imprescindível em todos. Não se trata de colocar Nietzsche frente a denominações religiosas ou a partidos religiosos, o deus que Nietzsche acreditaria é completamente diferente dos que muitos estão acostumados.

O primeiro capítulo e único é reflexo da ideia do vir-a-ser de Nietzsche, é extenso e apresenta em linhas gerais um processo de criação que percorre três grandes linhas: o motivo da nova religião; a demonstração do deus do filósofo e o “livro sagrado” de Nietzsche, o *Assim Falou Zaratustra*. Interessa indicar que Nietzsche não quer entrar em armadilhas metafísicas dualistas do mundo, nesse aspecto Nietzsche não separa razão e corpo e a experiência vai além da categoria empírica. A destruição das convicções de verdades é pretensão de Nietzsche na elaboração de sua transvaloração dos valores, entende-se assim a religião em Nietzsche.

O autor afirma ser o *Assim Falou Zaratustra* o evangelho – boa nova – de Nietzsche afirmando o novo homem, o além-do-homem. É basicamente dessa obra que se vislumbra a religião de Nietzsche. Uma religião de afirmação da vida e ruptura com a moral de rebanho. Sua religião, aqui ensaiada, terá essa dimensão bem particular. Não será o “religioso nietzschiano” determinado pelo grupo, trata-se de uma religião onde a existência passa a ser o maior valor, sem negar a tragédia que faz o humano nobre e forte, pois o trágico da religião em Nietzsche passa a ser exemplo da afirmação da vida em todos os contextos.

A religião de Nietzsche traz a afirmação do bem como aquilo que está mais próximo da existência sem dualismos e o mal é o afastamento do mundo. Procura-se tirar do homem o sentimento de culpa e favorecer o perspectivismo. Uma religião sem pastores e sem rebanho são intenções da visão religiosa de Nietzsche. O que seria o divino para o filósofo? São “forças que não cabem em si, por isso mesmo se lhe manifesta de forma repentina, intempestiva” (SOUSA, 2015, p.56). É um “deus” vontade de potência. Essa vontade de potencia é o vir-a-ser, “deus”. Pode-se dizer que Nietzsche privilegia a religião enquanto vida,

vida como referencial para todo e qualquer valor é vida enquanto relações de forças, vida em movimento, vida “viva”, vida que pulsa por mais vida, vida enquanto vontade de potência, e, sendo assim, vida enquanto deusa-vida também (SOUSA, 2015, p. 79).

Deus é cada relação. Mas e a famosa “morte de Deus” anunciada por Nietzsche? Com a “morte de Deus”, se apresenta, por meio de Zaratustra, o

transvalorado, o “religioso” por excelência, o não dualista, aquele que também é deus porque é vontade de potência, criador de uma nova cultura sem a culpa da tradição cristã e o que não teme o niilismo por este fazer parte da destruição e da construção de novos valores, o único capaz de dizer *amor fati* frente ao eterno retorno do mesmo, o eterno afirmador da vida. Amar a vida como ela é... Em suma, é o grande projeto nietzschiano em que o homem supera-se a si mesmo e atinge o mais alto estado de espírito, em que nada mais o abala” (SOUSA, 2015, p.85).

De tal modo a religião de Nietzsche é sem culpa e o Anticristo tem a função de resgatar a inocência do existir. O dizer “sim” à existência é sinônimo de superar o niilismo, nascendo como sinal do amor máximo, trata-se de uma religião do *amor fati* digno apenas do além-do-homem. Adverte o autor que esse além-do-homem não se coloca como um máximo antropocentrismo, pois esse novo homem não se apega a sua pequena razão, mas na superação disso a eternidade é a vida espelhada na vontade de potência.

Onde está esse além-do-homem? Dentro de cada ser humano, mas o nascimento do homem novo demanda o perecimento do homem ressentido e perdido no dualismo niilista de várias religiões. Por isso grita o Profeta Zaratustra: “Quero ensinar aos homens o sentido do seu ser: que é o super-homem, o raio que rebenta a negra nuvem chamada homem” (SOUSA, 2015, p.97).

Toda a argumentação do autor evidencia que Nietzsche ao desconstruir o sentido religioso metafísico cria um sentido diferente de religião expressa em Zaratustra, “livro sagrado” do filósofo do eterno retorno de um homem total. Não há o dual, logo só existe o sagrado que inclui tudo até o caos como movimento no “ir e vir” das forças enquanto vontade de potência, tudo é devir. A hierofania do sagrado se dá enquanto mundo se revelando. Essa religião carrega o sentido real como afirma Sousa de

tomar a crise como parte essencial da existência e não como obstáculo para essa. O “deus-devir” não promete nada e é um provocador de crises. Por isso, o humano que busca estabilidade vai na direção oposta à sua própria superação (SOUSA, 2015, p.113-114).

Em antes das considerações finais, o autor enfatiza que o livro foi elaborado com o propósito de contribuir para os estudos das Ciências da Religião e da Filosofia, a partir da ótica do perspectivismo com a novidade de chamar a atenção para a existência de uma religiosidade

em Nietzsche com base em seus escritos e na conjugação de seu “deus dançarino”. A tese do livro é a de que o *amor fati* demanda uma vivência religiosa que não enxergue a vida como um peso, como sofrimento. É a construção de um homem que não busca mais um deus, pois se entende como manifestação do sagrado enquanto vontade de potência e não se coloca como centro do mundo, pois não encerra em si todas as forças do mundo.

Nas considerações finais o autor aponta as possibilidades de estudos sobre cosmologia e religião, sobre o sofrimento atrelado ao aspecto religioso e assim como Nietzsche deixa uma pequena provocação: “No fundo, o problema se Deus existe ou não nunca lhe (Nietzsche) perturbou tanto quanto perturba a nós” (SOUSA, 2015, p.138).

Por toda a ousadia de encontrar o que seria a religião em Nietzsche esse livro deve ser tomado como ponto de provocação e amplitude de olhar sobre a religião abrindo a possibilidade de perceber as várias perspectivas sobre a mesma coisa.